

## OPINIÃO

Trânsito na rodovia BR-316 para por qualquer problema **Página 3.**

## OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE  
INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIPANJ ASSOCIAÇÃO  
NACIONAL  
DE JORNALISPresidente  
**Lucidéa Batista Maiorana**Presidente Executivo  
**Romulo Maiorana Jr.**Diretor-Editor Corporativo  
**Ronaldo Maiorana**Diretora Administrativa  
**Rosângela Maiorana Kzan**Diretora Comercial  
**Rosemary Maiorana**Diretor Industrial  
**João Pojucam de Moraes Filho**Diretor Redator-Chefe  
**Walmir Botelho D'Oliveira**Diretor de Novos Negócios  
**Ribamar Gomes**Diretor de Marketing  
**Guarany Júnior**Diretores  
**José Edson Salame**  
**José Luiz Sá Pereira****O LIBERAL** é editado por  
**Delta Publicidade S/A**  
CGC. (MF) 04929683/0001-17.  
Inscrição Estadual: Isenta.  
Municipal: 08.496.**Administração, Redação,  
Centro Tecnológico Gráfico,  
Publicidade**Rua 25 de Setembro, 2473.  
CEP: 66.093-000.  
Telefone: 3216-1000.  
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.  
Fax: (091) 3216-1143.  
Belém, Pará, Brasil.As opiniões emitidas em textos assinados  
são livre manifestação do pensamento de  
seus autores e não representam a opinião  
do jornal.**Sucursal Centro/  
Centro-Oeste**Diretor:  
**Fábio Andrade****Brasília - DF**  
SRTVN Q 701 CONJ. C.  
Ed. Centro Empresarial Norte,  
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.  
Fonefax (61)-3328-9394/3328-9396.  
E-mail: sanab634@zaz.com.br**Sucursal Sudeste/  
Sul/ Nordeste****São Paulo - SP**  
Rua Iguatemi, 192.  
Cj 141/142 - Itaim. Cep. 01451-010.  
Fonefax (11) 3073-1450/3073-1451.**Rio de Janeiro - RJ**  
Edifício Dijon Business Center.  
Rua Farne de Amoedo, 56 - Cj. 506 e  
507 - Ipanema. Cep. 22420.020 - Rio  
de Janeiro. Telefone: (21) 2103-4540.  
E-mail: comercial.rio@oliberal.com.br**Preço do exemplar****Zona I** - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia, Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.**Dias úteis R\$ 1,50**  
**Domingo R\$ 3,00****Zona II** - Almeirim, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz, Redenção, Soure, Ourilândia do Norte, Tucumã, Tucuruí, Xinguara, Juruti, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.**Dias úteis R\$ 2,00**  
**Domingo R\$ 3,60****Zona III** - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.**Dias úteis R\$ 2,30**  
**Domingo R\$ 4,80****Zona IV** - Demais Estados**Dias úteis R\$ 3,40**  
**Domingo R\$ 7,20****Zona V** - Macapá**Dias úteis R\$ 2,50**  
**Domingo R\$ 4,50****Telefones de O LIBERAL**

Reportagem: <b>3216-1138</b>
Assinaturas: <b>3204-6000</b>
Atendimento ao Assinante: <b>3216-1011</b>
Classificados: <b>3277-9200</b>
Comercial: <b>3216-1163 e 3216-1176</b>

**eliogaspari****Quando a oposição perde, apita: PRliiiii!**

Quando a oposição brasileira é devastada pelo resultado eleitoral, alguém apita: "PRliiii!". É um grito de advertência contra o perigo da instalação de um regime de partido único (de fato) no Brasil. Algo parecido com a coligação de políticos, burocratas, sindicalistas e cleptocratas que governou o México de 1926 a 2000, boa parte do tempo sob a sigla do Partido da Revolução Institucionalizada.

O apito de PRI costumava soar depois da eleição. Agora ele veio antes, com um inoportuno componente de derrotismo. Ele soou em 1970, quando a popularidade do general Médici e os camburões da polícia esmagaram o MDB. A oposição ficou com 87 das 310 cadeiras da Câmara, perdendo até o terço necessário para requerer uma CPI. O governo elegeu 42 senadores, perdendo apenas no Rio de Janeiro e na antiga Guanabara. Era o PRI. Quatro anos depois, o MDB elegeu os senadores em 16 dos 22 estados. Não se falou mais em PRI.

Em 1986, cavalcando o Plano Cruzado, o PMDB de José Sarney elegeu 22 governadores, 36 senadores e a maioria dos deputados. Novamente: PRI! Três anos depois Fernando Collor de Mello elegeu-se presidente da República e, desde então, o apito calou-se, para voltar a ser ouvido agora.

Falar em PRI no Brasil, quando o PSDB caminha para completar vinte anos consecutivos de poder em São Paulo é, no mínimo, uma trapaça. Sabendo-se que o PT conformou-se com uma posição subsidiária nas eleições para governadores, o espantinho torna-se risível.

É nessa hora que se deve olhar para o espantinho. Ele não é o que quer o tucanato abichornado, mas o paralelo histórico tem algo a informar. O PRI surgiu depois de uma revolução durante a qual mataram-se

**O perigo mexicano virá quando Nosso Guia achar que se tornou "El Jefe Máximo" do seu imperial Lulato.**

três presidentes e desterraram-se outros dois. Seu criador não foi Emiliano Zapata, muitos menos Pancho Villa (ambos passados nas armas), mas um general amigo dos sindicatos e dos movimentos sociais. Chamava-se Plutarco Elias Calles, assumiu em 1924, saiu em 28 e governou até 1935 por meio de prepostos, fazendo-se chamar de "Jefe Máximo". Esse período da história mexicana é conhecido como "Maximato". A boa notícia para quem flerta com um Lulato é que Calles parece-se com Nosso Guia na política voltada para o andar de baixo e até mesmo fisicamente, sem barba.

A má notícia vai para a turma do mensalão. Um dia "El Jefe Máximo" teve uma ideia e decidiu entregar o poder ao companheiro de armas Lázaro Cárdenas. Encurtando a história, Cárdenas dobrou à esquerda, exilou meia dúzia de larápios do "Maximato", inclusive um ex-presidente, e, em 1936, despachou o próprio Calles, que ralou cinco anos de exílio.

O que está aí para todo mundo ver é o Lulato, com Nosso Guia pedindo votos para sua candidata, e uma grande parte do eleitorado, consciente e satisfeita, dizendo que atenderá com muito gosto ao seu pedido. Um país com a sofisticação econômica do Brasil, com a qualidade da sua burocracia e com o vigor de suas instituições democráticas não cai nas mãos de um PRI qualquer. Apitando-se, faz-se barulho, e só. O problema da oposição brasileira, com sua vertente demófila, chama-se Lula, "El Jefe Máximo", que o embaixador Celso Amorim chamou de Nosso Guia e Dilma Rousseff qualificou como o "grande mestre, ele nos ensinou o caminho".

■ **Elio Gaspari é jornalista.**

jbosco@oliberal.com.br

**ruiraiol****Ver-o-livro**

Belém é uma das raras cidades brasileiras que têm uma feira de livros.

E já contamos quase 15 anos dessa boa iniciativa. Precisamente, vivemos esta semana a 14ª edição da Feira Pan-Amazônica do Livro, que acontece até o próximo domingo, no Hangar. Segundo os organizadores, a feira paraense é a terceira no ranking nacional, agregando a cada ano um número maior de visitantes e consumidores.

Ideia mais remota de mercado, feiras existem desde a Antiguidade. Nasceram da prática do escambo, como pontos de encontro da produção agropecuária. Espaço democrático, onde era possível trocar o excedente por outro bem escasso. Precedem à prática de cunhar moedas e de taxar o comércio. Representam a liberdade do espírito humano. Liberdade de criar e de vender, de partilhar e aceitar o trabalho de outrem.

A feira é a nossa lição mais remota de superação do etnocentrismo. É a quebra de conceitos prévios. Nela, a mais-valia de um povo ou de uma raça queda-se perante à construção de seus próprios vizinhos. Materializa a noção de interdependência. Desempenha, assim, um excelente trabalho de humanização, sendo um lugar onde nossas necessidades são atendidas à medida que alguém se põe na condição de servir. De servir e ser servido.

Como espaço democrático, as feiras populares recebem pessoas de todas as classes. É onde se misturam os cheiros e os sabores, as formas e as cores. Não há um pedaço do mundo onde nossos sentidos sejam mais testados. Olhar, tocar e sentir fazem toda a diferença. Para quem compra e para quem vende. Ou somente ao que passeia à margem das barracas, estandes ou mesas. Há uma satisfação de pisar a terra comum, de ver gente andando, subindo e descendo, muitas vezes à procura certa do desconhecido.

Não há lugar melhor para discutir preço. Na feira, ele é sazonal e horário. Pode subir acima do limite suportável, mas também despencar sem mandar aviso prévio. O que manda mesmo é a hora, a oportunidade, a simpatia e o papo. Um sorriso pode mudar tudo. Um relato de necessidade, da falta de uma moedinha, e o negócio está fechado. Ali é proibido guardar argumentos. Pode perguntar tudo sem medo.

Agora, imagine toda essa riqueza cultural de uma feira quando o seu produto são livros. Quando suas mercadorias são pensamentos e sentimentos impressos em papel legível. Quando, num só lugar, é possível reunir milhares de ideias, escritores e textos. É como se o mundo inteiro montasse acampamento em nossa cidade.

Sábado fui à Feira do Livro, e foi isto que eu vi: centenas

**de pessoas caminhando à procura de informação e conhecimento. Crianças, jovens e adultos, nivelados pelo mesmo piso e pelo mesmo interesse no saber. Estandes lotados de gente perguntando e respondendo, comparando preços, barganhando descontos.**

A produção é variada. Ciência, religião, filosofia e arte se misturam, lado a lado, nessa verdadeira democracia. Há espaços para todos. A praticantes, curiosos ou profissionais do assunto. Comprei uma Bíblia para minha filha Adriane. Pesquisei com minha esposa um livro de francês. Encomendei uma obra.

Agora já não praticamos o escambo, pelo menos o escambo direto. Há muito, o dinheiro tornou-se intermediário de nossas necessidades. E os cartões bancários surgiram para disfarçar ainda mais nossa carência do próximo. Parece que tudo depende da gente, do saldo suficiente, da senha exigida correta. Se "o sistema" falhar, podemos ficar sem graça e de mãos vazias. E não tem mais conversa que resolveva. É a feira moderna.

Na verdade, as feiras são exposições de trabalho. E com o livro não é diferente. Para chegar novinho e cheiroso às mãos do leitor, venceu várias etapas. Precisou ser gerado, gestado e trazido à luz. Primeiro, nasce na alma de quem o escreve. Depois, nas mãos de quem o edita. Viaja no transporte de quem o distribui. E é vendido por alguém que geralmente adora o que faz. Por fim, viverá em mentes e mãos desconhecidas. Isso não pode ser chamado de compra. No mínimo, é uma adoção.

Com o advento da internet, alguns apreçoaram o fim do livro. Mas o augúrio falhou. O computador mostrou o livro e a cara de quem o escreve. As vendas tornaram-se domésticas e a pesquisa de preço varia a cada tecla. Vende quem oferece mais, em melhores condições e preço.

Mas nada substitui a feira, o calor humano, o folhear as páginas de um livro. A Feira Pan-Amazônica é uma grande oportunidade de viver essa instituição do espírito humano. O espaço das ideias. De provar que continuamos interdependentes.

Amanhã, dia 2, voltarei ao estande dos Escritores Paraenses para prestigiar o lançamento do livro Antologia Cidade, volume 5, organizado pelo mestre Abílio Pacheco. Ainda há autógrafos de Chico Barão, Brenda Pena, Maria do Carmo de Souza, Cláudio Cardoso e Rosela Souza. Vale a pena Ver-o-livro!

■ **Rui Raiol é escritor.**  
www.ruiraiol.com.br

**O naufrágio da oposição**

MURILLO DE ARAGÃO

Ascensão hegemônica de Dilma Rousseff nas pesquisas trouxe estupefação aos arraiais da oposição. Muito adequadamente, José Sarney perguntou se tucanos e democratas já não teriam imaginado que tal fato aconteceria. Respondo que não.

Nos últimos dois anos, conversei com muitos políticos de oposição. A todos eu dizia que a derrota de José Serra ou Aécio Neves era mais do que evidente, por conta do ambiente psicossocial e, ainda, pela conjuntura econômica no país.

Dizia também que a oposição não se preparava para o final da era Lula. E que a atuação do eixo PSDB-DEM, nos últimos oito anos, vinha sendo inconsistente, oportunista e superficial. Dependente dos erros do governo e sem construir um discurso que pudesse ser oferecido ao mercado eleitoral.

Alguns respondiam que era puro delírio e que a popularidade de Serra seria mais do que suficiente para impedir que Dilma se transformasse em uma candidata competitiva. Fiando-se apenas no recall de Serra, esperaram o momento do confronto.

Outros consideravam que Serra teria melhor currículo do que Dilma e que, portanto, seria mais bem julgado pelo eleitorado. Nessa linha, diziam que "não era possível" que o eleitorado não observasse as relevantes qualidades de Serra diante da trajetória de Dilma.

Para agravar a ideia de delírio, afirmavam que o mau humor da candidata e a sua fama de ríspida pesariam na campanha. Pois bem, nada disso aconteceu. Pelo simples fato de que a oposição lutou contra o presidente mais popular da história do Brasil em um ambiente de extremo sucesso para o governo.

Duvido que Aécio Neves, com sua intuição, não soubesse disso com antecedência. Usou da questão presidencial para aumentar ainda mais seu cacife político em Minas. Valorizou sua "derrota" para Serra sabendo que este caminhava para o sacrifício.

Agora, com o iminente revés no primeiro turno, resta saber o que vai ser da oposição. Primeiro: vale destacar que o Brasil não pode prescindir de uma oposição atuante e responsável. Segundo: devemos entender que sua atual postura, se não foi irresponsável, foi altamente ineficiente.

O cenário que se apresenta não é bom para a cidadania. Ter uma oposição fraca, desarticulada e sem propostas pode dar ao governo a sensação de onipotência. O Brasil precisa de uma oposição consistente que - ao fazer oposição - propicie um debate de alto nível, para o bem do país.

O PSDB, salvo em São Paulo, não soube construir uma ideologia de poder. Dependeu do Plano Real para se alavancar e, quando deixou de ter essa bandeira, não conseguiu se explicar de forma convincente para o eleitorado. Pior, enterrou o legado de FHC como se este fosse uma herança indesejável. Para vencer, dependeu de um fracasso que não veio. Se for esperar o governo errar novamente poderá ficar fora do poder por mais 20 anos.

O que podemos esperar de agora em diante? Talvez mais um período negro para a oposição. Sem discurso e sem atores políticos relevantes, ela vai depender da figura de Aécio Neves para articular alguma forma de resistência. Mas, para ter algum sucesso, não basta apontar os desvios e esperar erros eventuais do governo. É preciso uma nova forma de fazer política e entender o Brasil de hoje, o que implica, sobretudo, saber se comunicar.

Para as forças governistas, a ausência de uma oposição política e partidária organizada é um fator de tranquilidade. Assim, os maiores desafios virão apenas da gestão da imensa base aliada e da oposição praticada por setores da grande mídia. Para o país, uma oposição fraca não é bom. Principalmente quando a culpa é dela mesma, de sua frágil capacidade de se articular.

■ **Murillo de Aragão é cientista político.**